



PASSEIO A BILBAO E PARQUE NATURAL DE AIGUESTORTES

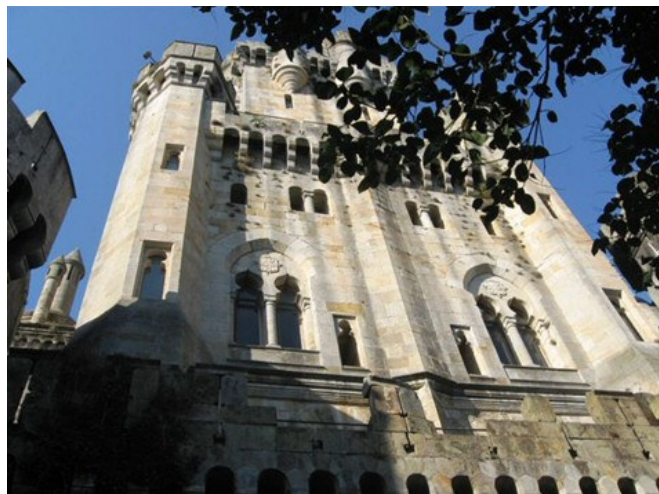
Que planos para este ano, perguntámo-nos há uns meses. Nunca tínhamos visitado o Museu Guggenheim e, dos Pirenéus, ainda sobravam vales que não conhecíamos, foi a resposta.

Tal como o Mundo, começámos do princípio. Este ano, seria Bilbao a cidade eleita. Depois, partiríamos para os Pirenéus, com o propósito de visitar o Parque Nacional de Aiguestortes.

Havíamos passado por Bilbao, de moto, há mais de vinte anos. Aquela cintura industrial de negrume, sombreada pela densa vegetação dos arredores e acentuada por um dia enevoado, deram-nos nessa altura uma ideia paupérrima da cidade. Agora conseguimos alterar, para melhor, essa noção.

Bilbao, no País Basco

Desta vez, o dia estava limpo. Um bosque fresco e frondoso envolvia o castelo de Butron – que visitámos ainda não havíamos entrado na zona urbana. Embora a informação sobre este castelo roqueiro garantisse que estaria aberto ao público, a verdade é que apenas o pudemos circundar.



Castelo de Butron, a cerca de duas dezenas de quilómetros de a norte de Bilbao



Alguns quilómetros depois, a cidade parecia renovada numa sucessão de colinas, com construção densa e elevada, que baixavam para um rio largo a serpenteava entre cais recentemente refeitos. Do tal negrume remoto e da imagem degradada de há muitos anos, quase nada ficou.

Na zona portuária, porém, a sucessão de armazéns (alguns abandonados) dava um cenário bera ao local onde desagua a Ria de Bilbao, ou de Nervión, que banha um dos municípios que tem um nome singular, Portugalete, zona onde está situada a interessante Ponte Colgante.

Pouco trânsito, algumas indicações viárias mal interpretadas, e estávamos a galgar as famosas colinas da cidade, entre caminhos exíguos e ruas sem saída. Percebemos finalmente que o Hotel Jardines, um dos que dispunha de quartos para 4 pessoas, e ficava em pleno centro histórico, se encontrava numa das respectivas ruas sem trânsito.



Edifícios que bordejam a ria de Bilbao



Ficámos numa espécie de águas furtadas, totalmente remodeladas, num prédio que ainda conservava a sua fachada de muitas décadas. Aliás, percebe-se que na cidade se estão a deixar muitas dessas fachadas e a renovar os interiores, tentando preservar uma imagem urbana homogénea.

Foi à noite que tomámos contacto com as ruas que circundavam o hotel, ainda com traços tipicamente medievais – aquela espécie de rego central, algumas galerias baixas de tectos pintados – porém, já posteriormente desenhadas segundo um padrão que tende para a perpendicularidade.

Ainda acompanhámos uma despedida de solteiro curiosa – onde o noivo,



No cais, junto ao rio, no centro de Bilbao

a bordo de uma plataforma que fazia lembrar um ringue de boxe – vestia calções e luvas vermelhas, a preparar-se certamente para o combate da sua vida ...

Junto ao rio, um largo passeio leva ao recinto do antigo mercado – ainda tem um telheiro do início do século XX – que fica defronte de uma das estações de caminho de ferro, da mesma época, um edifício elegantemente iluminado, situado do outro lado do rio.



Museu Guggenheim, Bilbao

A manhã do dia seguinte foi dedicada ao Guggenheim. Só o edifício surpreende. Ninguém fica indiferente à obra de Frank Gehry, que concebeu o revestimento em titânio e vidro, de um conjunto estranho mas harmonioso de formas angulosas e singulares soluções arquitectónicas de implantação.

Em redor, de um lado e do outro do rio, há edifícios carismáticos, do ponto de vista histórico ou arquitectónico. Junto do museu, algumas obras de arte, marcam a envolvente próxima: uma aranha gigante, uma instalação que manifesta o lixo urbano, um cão imenso florido, alguns pés de flores coloridas.

Lá dentro, uma nave central com a altura de 3 andares levava a uma de duas exposições: a do escultor Anselm Kiefer e do desenhador Alberto Durero. Optámos pela primeira, mais que não fosse, pela dimensão das obras, raramente de medida inferior a 3X4 metros ... Kiefer é daqueles artistas que dispõe de antigos



... um cãozinho florido, como anfitrião, na entrada do museu concebido por Frank Gehry



armazéns para criar. Tudo é enorme, assim como a sua perspectiva da arte e do mundo. Sendo judeu, percebe-se que muitos dos seus temas relacionem a guerra, com a vida e a morte, e com a história do seu povo.

A tarde foi destinada a efectuar um périplo pela zona costeira a norte de Bilbao, tentando antes percorrer a parte mais importante da cidade que acompanha o rio, até este desaguar no mar Cantábrico. São cerca de 18 kms. É como se Lisboa se estendesse até Sintra, sempre a bordejar o IC19 ...



Aranha/mãe no exterior do Guggenheim

Quase no final daquele trajecto, surge uma ponte de ferro diferente do habitual. É constituída por duas torres, ligadas por um tabuleiro, sob o qual se estende um conjunto de cabos que sustenta uma cabina enorme, que transporta veículos e pessoas: a Ponte Colgante.

O dia estava encoberto. A seguir ao braseiro do dia anterior - que registara no termómetro do carro uma temperatura de 33° às 19 horas - parecia que iria chover. Não falhou, a previsão. Por ali, as arribas costeiras são altas e escarpadas. De quando em vez, uma ou outra localidade, ocupa um dos muitos enclaves que polvilham aquela zona turística de praias familiares. Num dia limpo, poderá rivalizar com o percurso entre Cascais e o Cabo da Roca ...



Antes de Gernika, chuveou. Apesar disso, e sobretudo por a estrada ser um encadeado de curvas à beira-mar, viam-se muitos motociclistas, alguns deles estrangeiros. Numa passageira meteórica pela localidade bombardeada pelos nazis e imortalizada por Picasso numa tela, apenas pudemos



Ponte Colgante, em Portugaleta

verificar a serenidade do trânsito, a limpeza das ruas e algum cosmopolitismo na rua principal.

Nota-se a proximidade francesa na arquitectura das casas, e a localização setentrional nos telhados inclinados. Em redor da zona urbana, é o verde que domina, entre prados e floresta.

Parque Nacional de Aiguestortes ...

... fica situado a poucos quilómetros a oeste do vale de Andorra. Andorra La Vella fica ali a escassos 70 kms.

Para lá chegar, adoptámos o conselho dos planos electrónicos de trajectos: seguir por França, até Saint Gaudens e depois voltar para os Pirenéus Ocidentais. Assim fizemos.

Reparámos, entretanto, que as filas de trânsito na antiga fronteira franco-espanhola da auto-estrada tinham vários quilómetros. Com efeito, o extraordinário fluxo de veículos que saía de França, obrigou – soubemos mais tarde – a abrir as portagens que situadas nessa zona.



A entrada nos Pirenéus Ocidentais torna-se especialmente íngreme a partir sobretudo de Viella, convertendo-se abrupta por volta da zona de estações de esqui de Baquera-Beret. Mas nem de uma, nem de outra, vimos rasto: um nevoeiro denso, acompanhado de chuva, acompanhou a subida entre precipícios de respeito. A estrada é bera, para fazer lentamente e, para quem não tenha vertigens, catita para percorrer de moto.

Algures, já na descida da vertente leste do maciço de Aiguestortes, rodámos entre cavalos selvagens que de selvagem nada têm uma vez que muitas pessoas dos que param à beira da estrada lhes podem fazer festas na crina. São exemplares castanhos, quase dourados, que fazem



Cavalos selvagens, depois de Baquera

um contraste perfeito com o verde dos prados e o esbranquiçado dos cumes áridos envolventes. Do outro lado da montanha ficava, talvez para uma próxima visita, o vale de Boi, onde ficam situadas mais umas quantas estâncias de esqui (Boi, Taul, etc).



Parque Nacional de Aiguestortes...

Ainda trepámos até Espot, escolhendo a olho o parque de campismo, a partir do qual, sairíamos para passeios naquele parque natural. Optámos pelo PC de La Mola, 30 € por dia, para duas tendas, uma pégula e o carro. Sombra,



piscina, relva, sossego e um rio ali perto. Ficámos durante 2 dias.

O primeiro seria o de reconhecimento dos arredores, com uma incursão ao outro lado da montanha, talvez até Boi ... O dia, porém, esteve sempre chuvoso, aliás, como a noite. Pela tarde, o tempo “levantou” o que permitiu parar mais, mas sempre com um grau de humidade elevado.

No vale, o rio Escrita possibilita a prática de canoagem. Assistimos à passagem de alguns, entre aberturas de sol e uma chuva miudinha que, de vez em quando, desancava. Ainda tentámos subir as falésias para El Puert de Suert, mas a estrada, cada vez mais estreita e sinuosa, bordeada por nevoeiro, mal deixava ver as raras aldeias serranas.



Passeios em kayak, uma constante nos rios pirenaicos

No segundo dia, foi a vez de efectuarmos um percurso pedestre. Aliás, é nestas zonas de montanha que as caminhadas aparentam enobrecer-nos o ego, mais que não seja, através das paisagens largas, soberbas e diferentes, que a subida proporciona. Neste caso, o PN Aiguestortes foi exemplar.



Aconselharam-nos subir 4,5 kms, até ao Refúgio de St. Maurici, e voltar pelo mesmo caminho, ou podíamos ir de táxi – um grupo de Land Rovers – até lá edaí, continuar para outros tantos, mais acima, a caminho de



A montanha, a caminho de St Maurici

outros refúgios. A maioria dos refúgios tinha um lago próximo. Optámos pela primeira hipótese.

Deixámos o carro num parque de estacionamento em plena floresta e partimos através de um plataforma de madeira, construída para que deficientes em cadeira de rodas pudessem desfrutar de um percurso de 400 metros de floresta.

Após passarmos uma ponte de madeira recentíssima, entrámos num vale largo e extenso – semelhante aqueles do Parque Jurásico ou de O Senhor do Anéis – que levava a uma subida estreita e cada vez mais íngreme, entre árvores e calhaus. Aqui, começava a verdadeira caminhada.

Muito semelhante ao troço que havíamos feito no ano anterior no Parque Nacional do Monte Perdido, nos Pireneus Aragoneses, este contava com pequenos regatos que atravessam um trilho irregular de raízes e pedregulhos. Estava fresco, sobretudo nas zonas de vegetação mais densa, dominada por coníferas de grande porte. Em fundo, tínhamos um ribeiro cujo ruído de progressão das águas se ia afastando à medida que subíamos.



À vista de uma espécie de refúgio em madeira, onde piquenicavam meia dúzia de pessoas, julgámos estar finalmente no cume da jornada. Porém, havíamos visto um lago no pequeno mapa do Parque, pelo que não devia ser ali. Com efeito, o trilho continuava



Na chegada ao lado de St Maurici

a subir, a caminho de uma pequena casa de informações e do tal lago. Um azul brilhante e cristalino, a contratar com as margens verdes de arvoredo e os montes circundantes castanhos e esbranquiçados, foi este o cenário com que deparámos, após treparmos os últimos 50 metros a ladear os contrafortes de uma pequena barragem.

À volta, os cumes parecem elevam-se em diferentes altitudes, desaparecendo a leste, muito longe. Para norte, a indicação de uma queda de água. Não vimos essa, mas terminámos junto de outra, mais humilde, que caía de uns 30 metros.

Estava vento, frio e impetuoso, proveniente do vale. Ao contrário, nas zonas abrigadas podia-se estar de manga curta. Aliás, era o que muitos faziam, parecendo as margens do lago uma bela praia. Soberbo. Com mantimentos decentes, conseguiríamos preencher a tarde com nova incursão, mas a fome falou mais alto.



Descemos para Espot, onde almoçámos num restaurante na rua principal de onde era possível observar a vaivém de caminhantes e o fluxo dos “táxis” a caminho da montanha. Uma ponte antiga,



Lago de St Maurici, A partir daqui, continuam trajectos pedestres de dezenas de quilómetros na montanha

românica, recuperada, um rio de margens baixas, alguns hotéis pequenos, 2 ou três “supermercados” de aldeia, meia dúzia de casas, algumas de pedra.

Aproveitámos uma pequena feira de enchidos em Sort, para assegurar o jantar. Deixou de chover, a temperatura aumentou, o sol reaparecera., num dia completamente diferente do anterior, onde a trovoada e a chuva intensa nos obrigara a passar algum tempo dentro do carro.

Vale de Andorra ...

Fica ali próximo, a cerca de 70 quilómetros, optando por uma estrada secundária. Fomos, porém pela via principal que liga de Sort a Seu de Urgel. Escolhemos o PC Valira, em Andorra La Vella, para passar mais 2 dias. Fica perto do centro – cerca de 5 minutos a pé.



Aceitámos a sugestão de montar as tendas num local muito próximo de outro destinado aos que entravam “a pé e de moto”. Fizemos mal. Se as motos mal se ouviam, os “a pé” ensurdeciam-nos, sobretudo à noite, quando disparavam na “palhaeta”. E, se na primeira noite a coisa sossegou às tantas, na segunda só amainou quando lhes dei dois berros, já fora da tenda, cerca das duas da madrugada, disposto a trepar a trincheira e arrasar as fileiras inimigas ...



No santuário e Meritxell, Andorra

Dedicámos uma parte da manhã para conhecer o santuário de Meritxell, uma obra arquitectónica curiosa e cativante, longe da vulgar configuração destes lugares de culto religioso. Depois, seguimos para Pas de la Casa, através da estrada com incontáveis curvas de cotovelo, no cimo das quais é possível vislumbrar todo o esplendor dos vales andorranos, a cerca de 2000 metros de altitude.

Regressámos à capital, através de um túnel com portagem, que tem início após a fronteira com França e termina próximo da estação de esqui de Grau Roig.

Na noite do segundo dia, espreitámos um local peculiar, a Caldea. Trata-se de um complexo termal e hídrico, que dispõe de piscinas e muitos jacuzis colectivos, ligados por pontes, em jeito de jardim aquático. Como não tinha muita gente, pareceu ser um lugar reconfortante e revigorante, ideal para preparar uma boa noite de sono.



Portugueses muitos, quer turistas quer emigrantes. Em qualquer loja, havia sempre um representante nacional, de uma ou de outra condição. Alguns dos emigrantes já faziam algum esforço para falar português, mas não deixavam de ser prestáveis, mais não fosse aproveitando a ocasião



Complexo termal da Caldea

para se poderem expressar na língua natal.

Nesta incursão ao “templo das compras”, pareceu-nos que os preços compensarão em artigos como perfumes, bebidas, tabaco, aparelhos electrónicos de marca e topo de gama, vestuário de marca, e gasolina.

Por outro lado, o ambiente de montanha mantém-se muito atractivo, com alguns meios mecânicos a funcionar, inclusivamente para levar bicicletas de montanha para o topo das estações de esqui, sendo que algumas dispõem de pistas dedicadas.

Do ponto de vista concorrencial e na área dos equipamentos para motociclismo, a Motocard, em Andorra La Vella, e a Daytona 2000, em Pas de la Casa, rivalizavam, com uma quantidade significativa de motos de clientes estacionadas à porta.

No rio Valira, já em território espanhol, a prática de rafting – num percurso que me pareceu suave – juntava mais de vinte embarcações, alugáveis em vários pontos do percurso. Mais kayaks e canoas



polvilhavam as águas bravias do rio que também passa pelo centro da capital andorrana.

Deixámos Andorra, a caminho de Madrid, onde iríamos ficar alojados, também no centro histórico, também num hotel que ficava numa rua sem trânsito, também num quarto quádruplo. Depois de mais duas ou três voltas a alguns quarteirões da capital espanhola, deixámos as malas e saímos para a Plaza Mayor, através de ruas apenas com trânsito pedestre.

Deambulámos por lá, já noite, entre a Plaza del Sol e as pequenas ruelas da Madrid mais antiga, distraídos com os homens/mulheres-estátuas e outros artistas circenses, as bancas de quadros, um outro músico. A movida madrilená e turística mantém-se



Imagens cada vez mais recorrentes nos espaços turísticos das cidades

aficionada da zona envolvente à Gran Vía.

Na manhã do dia seguinte, aproveitámos para conhecer o Palácio Real, mais em jeito de comparação com os nossos congéneres da Ajuda, de Mafra, de Queluz. A arquitectura não é muito diferente, a decoração e as peças de época equivalem-se, a dimensão também. Uma rica colecção de armas e armaduras, marca a diferença na zona oeste do palácio.

Depois, foram mais 600 kms de quase planuras entre a meseta e a Grande Lisboa. Ficaram as fachadas antigas dos prédios, o ondular



do rio entre cais espaçosos, o distinto Guggenheim e a singularidade da ponte Colgante em Bilbao. Ficou o ar forte e sadio, e o relevo elevado e abrupto dos Pirenéus, o azul sereno e largo do lago de St. Maurici, os cavalos selvagens da descida de Baquera. Ficou, também, a azáfama dos transeuntes às compras em Andorra La Vella, a arquitectura do Santuário de Merixell e a serenidade dos jacuzzis da Caldea. Provavelmente, serão motivos suficientes para insistir na montanha, para voltar ao bucolismo e à tranquilidade daquele espaço.